

# GRUPOS DE SAÚDE NA ATENÇÃO BÁSICA: Experiências de Enfermeiras Residentes

*Luana Carine Maron<sup>1</sup>*

*Patricia Caprini Guzzo<sup>2</sup>*

*Tamara Grandó<sup>3</sup>*

## **Resumo:**

O trabalho de grupos na Atenção Básica é uma alternativa para as práticas educativas. A ação educativa estabelece-se a partir de programas que permitem trocas de experiências entre os membros envolvidos, além de ações de promoção da saúde e prevenção de doenças na comunidade, indivíduos ou grupos sociais. O objetivo da pesquisa é relatar a experiência das ações desempenhadas pelos profissionais enfermeiros nos espaços de atividades grupais. Trata-se de um estudo descritivo e consiste em um relato de experiências vivenciadas por três enfermeiras residentes em Saúde da Família. As atividades foram realizadas em domicílio, com finalidade educativa, e em salões comunitários, com ação terapêutica. Nos grupos domiciliares foram promovidas rodas de conversa com temas diversos. Já nos grupos terapêuticos, utilizou-se de oficina com trabalhos manuais. Acreditamos que as atividades grupais constituem-se em uma importante ferramenta para a conscientização crítica dos indivíduos a respeito de seu meio social e suas condições de vida e saúde. Além disso, o trabalho em grupo é um instrumento essencial para a promoção e educação em saúde na comunidade.

Palavras-chave: Educação em saúde. Atenção Básica. Prática de grupo.

## **GRUPOS DE SALUD EN LA ATENCIÓN BÁSICA: EXPERIENCIAS DE ENFERMERAS RESIDENTES**

## **Resumen:**

El trabajo de grupos en la atención básica es una alternativa para las prácticas educativas. La acción educativa se establece a partir de programas que permiten cambios de experiencias entre los miembros involucrados, así como, acciones de promoción de la salud y prevención de enfermedades en determinada comunidad, individuos o grupos sociales. El objetivo del estudio es relatar la experiencia de acciones desempeñadas por los profesionales enfermero en los espacios de actividades grupales. Se trata de un estudio descriptivo y un relato de experiencia vivido por tres enfermeras residentes en Salud de la Familia. Las actividades fueron realizadas en domicilios con finalidad educativa, en salones comunitarios, con acción terapéutica. Mientras tanto, en los grupos terapéuticos, se utilizó de talleres de trabajos manuales. Creemos que las actividades grupales se constituyen en importante herramienta para la concientización crítica de los individuos al respecto de su medio social, y sus condiciones de vida y salud. A más de eso, el trabajo en grupo es un instrumento esencial para la promoción y educación en salud en la comunidad.

Palabras-clave: Educación en salud. Atención Básica. Práctica de grupo.

<sup>1</sup> Enfermeira formada pela UFSM/Cesnors. Especialista em Saúde do Trabalhador pela Faculdade América Latina (Uninter). Enfermeira residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família oferecido Unijuí/Fumssar. luana.maron12@hotmail.com

<sup>2</sup> Enfermeira. Formada pela UFSM/Cesnors. Especialista em Saúde da Família pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família oferecido pela Unijuí/Fumssar. pathy\_capriniguzzo@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Enfermeira formada pela URI Campus Santo Ângelo. Enfermeira da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, atuante na 14ª Coordenadoria Regional de Saúde em Santa Rosa/RS tamara.grando@hotmail.com.

A motivação para a realização deste relato partiu das aulas semanais do Núcleo de Enfermagem do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, juntamente com os preceptores de campo e colaboradores. Neste espaço, são discutidas e fomentadas as atividades comuns realizadas pelo profissional enfermeiro, assim como casos clínicos e temas previamente escolhidos e trazidos para estudo.

Dessa forma a Enfermagem tem, na ação educativa, um de seus principais eixos norteadores. Essas ações acontecem em vários espaços de práticas de enfermagem, especialmente no campo da saúde pública, podendo desenvolver-se em formas de grupos nas comunidades, serviços de saúde vinculados à Atenção Básica, escolas ou em outros locais (Acioli, 2008).

Os grupos são vistos como um espaço no qual são trabalhadas as diferentes faces do ser humano, no que diz respeito aos seus aspectos sociais, subjetivos e biológicos (Silva et al., 2006). Desta forma, as atividades em grupo configuram-se como fundamentais, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade em que este se encontra inserido.

De acordo com Zimerman (2007) e Minicucci (2001), o grupo não corresponde unicamente a um somatório de indivíduos, mas sim compreende um conjunto de pessoas interdependentes, movidas por necessidades semelhantes que se reúnem na tentativa de realização de objetivos comuns.

O trabalho de grupos na Atenção Básica é uma alternativa para as práticas educativas. Estes espaços favorecem o aprimoramento de todos os envolvidos, não apenas no aspecto pessoal como também no profissional, por meio da valorização dos diversos saberes e da possibilidade de intervir criativamente no processo de saúde-doença de cada pessoa (Dias; Silveira; Witt, 2009).

Ainda segundo estes autores, a ação educativa estabelece-se a partir de programas que permitem trocas de experiências entre os membros envolvidos, além de ações de promoção da saúde e prevenção de doenças na comunidade, indivíduos ou grupos sociais, permeando as atividades que os

profissionais de saúde realizam no âmbito das unidades, no domicílio, em outras instituições e nos espaços comunitários.

Vale ressaltar ainda que para obter sucesso, um grupo depende diretamente de seus participantes e coordenadores. O coordenador, além de ter conhecimento acerca do assunto tratado e sobre a clientela, deve ser sensível, empático, acolhedor e, ao mesmo tempo, ter firmeza e agilidade para o estabelecimento de limites (Frison et al., 2011). Deste modo, é fundamental saber ouvir e acatar opiniões, a fim de que o grupo consiga criar um vínculo de confiança.

Na visão de Zimerman (2007), o ser humano é gregário e só existe ou subsiste em virtude de seus inter-relacionamentos grupais. Assim, somente após o estabelecimento de inter-relações o homem consegue desenvolver e aprimorar suas capacidades e habilidades, numa constante troca de conhecimentos e experiências, que o tornarão apto a vivenciar diferentes situações, a fim de conhecer o seu processo saúde-doença e estimular o autocuidado.

Neste relato são fomentadas reflexões e discussões sobre o referencial de grupo terapêutico e domiciliar, conseqüentemente, ampliação dos conhecimentos acerca da importância deste para a prática do cuidado. Tem como objetivo relatar a experiência das ações desempenhadas pelos profissionais enfermeiros nos espaços de atividades grupais.

## Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e consiste em um relato de experiência, vivenciado por três profissionais enfermeiras inseridas em Estratégias de Saúde da Família e integrantes do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, oferecido pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), em parceria com a Fundação Municipal de Saúde de Santa Rosa/RS (Fumssar). A participação no grupo não contou com nenhum parâmetro para a coleta

de dados, apenas constituiu-se na participação das profissionais nos grupos mediante o dispositivo de observação.

As atividades grupais foram realizadas em três Estratégias de Saúde da Família (ESF), no município de Santa Rosa/RS, das quais duas na área urbana e uma na área rural. Os encontros relatados realizaram-se em julho de 2013, semanalmente, totalizando a participação das residentes em quatro encontros. Em duas ESF, urbana e rural, as atividades foram voltadas para o grupo terapêutico e em outra para o grupo na comunidade, mais precisamente em domicílio.

A vontade em desenvolver o grupo domiciliar surgiu das práticas diárias na unidade de saúde, em que durante muitos momentos, percebe-se a carência de informações apresentada pelos usuários. Assim, surgiu a ideia de proporcionar a essa população um pouco mais de conhecimento para poderem melhor cuidar de sua saúde, bem como prevenir demais agravos. Ao invés de os usuários irem até a unidade de saúde, profissionais foram até eles.

O grupo terapêutico, nas duas unidades relatadas, já estava acontecendo, e se trata de uma intervenção da unidade de saúde para o acompanhamento e possível reabilitação de mulheres que apresentam algum distúrbio psíquico.

Cada encontro teve duração de aproximadamente uma hora, tendo como participantes a comunidade em geral; já o grupo domiciliar realizou-se com temas previamente escolhidos pelos participantes, tendo como local de realização o domicílio dos usuários. Por sua vez, as atividades grupais com finalidade terapêutica foram realizadas no pavilhão da igreja evangélica e na unidade de saúde, em uma sala na qual também são realizadas as reuniões de equipe.

## Resultados e Discussão

As atividades grupais dividem-se em dois grandes ramos: os operativos e os terapêuticos, cuja classificação se dá com base na finalidade a que se propõe o grupo.

Os grupos operativos podem ser de ensino-aprendizagem (grupos de reflexão), institucionais (empresas, escolas, igrejas, exército, associações, etc.), e comunitários (grupos de saúde). Os grupos terapêuticos podem ser trabalhados no formato de autoajuda ou psicoterápicos propriamente ditos (Zimerman, 2007).

O primeiro insere-se na área médica em geral (diabéticos, reumáticos, idosos, etc.) e na área psiquiátrica (alcoólicos anônimos, pacientes *boderline*, etc.). Já o segundo envolve a base psicanalítica, o psicodrama, a teoria sistêmica, o cognitivo comportamental e a abordagem múltipla (Zimerman, 2007).

A base teórica dos grupos operativos foi construída por Pichon-Rivière, tendo como referências estudos acerca da Psicanálise e da dinâmica de grupos. O psicanalista adverte que o grupo operativo se dá a partir da relação que seus componentes mantêm com a tarefa, a qual pode ser a aquisição da cura, no caso de um grupo terapêutico, ou a obtenção de conhecimentos, se este compreender um grupo de aprendizagem, como é o caso dos grupos domiciliares (Osório, 2003).

Ressalta-se a existência dos grupos terapêuticos por Farah (2009) como o tipo de atividade que é capaz de reunir pessoas diferentes, considerando em cada um deles o jeito próprio de ser e seus potenciais, limitações, facilidades e dificuldades. Aos poucos, conforme o grupo vai acontecendo, as formas peculiares dos membros de interagirem com o mundo vão sendo reveladas.

Para os encontros realizados no grupo terapêutico, foram utilizados trabalhos manuais e o diálogo como instrumento de aproximação entre coordenador e participantes. Cada participante pôde optar pelo trabalho com o qual teve mais afinidade, como crochê, confecção de guirlandas, trabalhos com papel Etil Vinil Acetato (EVA), pintura e decoupage em panos de prato, chaveiros com fuxico, entre outros, ou ainda somente por meio da interlocução entre os atores. É importante ressaltar que além da conversa os trabalhos manuais estimulam a autoestima e o convívio entre as pessoas que possuem algum tipo de sofrimento, como a depressão. Par-

tipicaram do grupo, tanto na área rural quanto na urbana, aproximadamente dez mulheres, a maioria idosas.

Nos grupos terapêuticos realizados não houve discrepâncias quanto à faixa etária e sexo, os participantes dos grupos tinham entre 50 e 80 anos de idade e todas do sexo feminino. Isso condiz com o papel da mulher como cuidadora pela sociedade na condição de mãe, avó e aposentada.

Os encontros aconteceram semanalmente e contaram com a participação de toda a equipe da unidade de saúde, de modo que em cada atividade dois dos profissionais eram os responsáveis. As atividades grupais também contaram com o apoio do terapeuta ocupacional (TO), que participava uma vez ao mês, visando a auxiliar no gerenciamento do grupo.

Em estudo realizado com trabalhadores da saúde de um Hospital-Dia (HD) em Fortaleza-CE, estes descrevem como é o funcionamento do grupo terapêutico. Os encontros são realizados em um contexto grupal, no qual as atividades são desenvolvidas pelos profissionais da Terapia Ocupacional e incluem: pintura, colagem, modelagem, trabalhos com sucata, papel reciclado e carpintaria. Este estudo corrobora com instrumentos utilizados para a realização do grupo terapêutico relatado, reafirmando que as atividades manuais são importantes no decorrer dos encontros (Benevides et al., 2010).

Além disso o mesmo estudo destaca, por meio das narrativas dos profissionais, que as atividades terapêuticas grupais desenvolvidas no HD proporcionaram um sentimento de prazer, de entusiasmo e de satisfação para os usuários. Também evidenciaram que houve satisfação e interação por parte de alguns usuários; outros já não foram tão ativos, mas deram suas contribuições na dinâmica grupal. Essas atividades desempenham um papel importantíssimo para a reabilitação do paciente (Benevides et al., 2010). Dessa mesma forma acontece no grupo terapêutico relatado: as mulheres que participam sempre se mostraram interessadas nas atividades desenvolvidas e, a partir de conversas, foi possível compartilhar necessidades, problemas e anseios, a fim de ajudá-las da melhor forma possível.

De modo geral, o grupo terapêutico possibilita o compartilhamento de experiências entre os participantes, propicia escuta, orientação e construção de Projetos Terapêuticos condizentes com as necessidades dos sujeitos. Ao mesmo tempo, a vivência em grupo favorece maior capacidade resolutiva, por possuir vários olhares direcionados para um problema em comum (Benevides et al., 2010).

Diferentemente das atividades terapêuticas, a assistência domiciliar compreende a atenção à saúde na residência do paciente, podendo também ser definida como “atendimento ou cuidado domiciliar”. Baseia-se na plena interação do profissional com o usuário e sua família. Deste modo, constitui-se em um conjunto de atividades de caráter informativo, programadas e continuadas, desenvolvidas em domicílio (Dias; Silveira; Witt, 2009).

Os grupos realizados com a comunidade, mais precisamente no domicílio dos usuários, acontecem uma vez na semana. Foram realizadas rodas de conversa e discutidos temas diversos, como apneia do sono, incontinência urinária, osteoporose, varizes e seus devidos cuidados, hipertensão arterial, diabetes, alergias, labirintite, ácido úrico, entre outros. Cada participante do grupo teve a possibilidade de expressar seu pensamento, dar sua opinião, seu ponto de vista ou seu silêncio. Participaram de cada encontro uma média de dez usuários, de diferentes idades e de ambos os sexos. Durante a atividade houve troca de saberes, levando-se em consideração toda e qualquer forma de expressão, pois como afirma Paulo Freire (1987, p. 68), “*não há saberes mais ou menos, há saberes diferentes*”.

O autor ressalta ainda, a importância de as devoluções acontecerem de forma progressiva durante o andamento do grupo, ou seja, as trocas de experiências. Como na maioria dos relacionamentos, as atividades iniciam-se com um contato mais superficial que, a partir da criação do vínculo e da manutenção do grupo, vai se aprofundando, permitindo trocas mais frequentes e intensas (Freire, 1987).

Durante os encontros domiciliares alguns participantes expressaram suas vivências e outros sanaram muitas dúvidas que tiveram até então. Esta prática mostrou que as ações educativas em saúde

podem capacitar indivíduos e grupos na construção de novos conhecimentos, conduzindo a uma prática consciente de comportamentos voltados à prevenção ou promoção da saúde. Os encontros domiciliares, igualmente, permitem conhecer a realidade e as potencialidades do meio, o que facilita o trabalho no campo da educação em saúde (Souza et al., 2005).

Durante as atividades de grupo, domiciliares ou terapêuticos, houve a valorização e a criação do vínculo, da fala e da escuta. A construção do vínculo com o decorrer do tempo favorece a expressão de sentimentos, como angústias, tristezas e conquistas, e é nesses momentos que o coordenador consegue se inserir como interlocutor das conversas, estimulando o bem-estar e a qualidade de vida de todos os membros.

Assim sendo, atuar na perspectiva da promoção da saúde, em grupos na comunidade, implica modificações nos modelos técnico-assistenciais. Desta forma, abrem-se as portas para a construção e a consolidação de novos referenciais teóricos e práticos, os quais visam a uma melhor qualidade de vida e saúde da população, a partir de uma assistência diferenciada e da compreensão do processo saúde-doença, ocasionando assim uma maior autonomia do sujeito.

Desta forma, o trabalhar em grupo na Enfermagem, em suas distintas abordagens, vem trazer novas perspectivas de promoção à saúde, as quais têm como objetivo reafirmar a relevância desta atividade para os profissionais da área, em especial quando se adota a visão de estratégia, com a construção coletiva do conhecimento por meio da troca de experiências e vivências entre os participantes (Simões; Stipp, 2006).

## Considerações Finais

Concluimos que os grupos educativos tornam-se um importante espaço para a atuação do profissional enfermeiro, no qual este busca desenvolver atividades de prevenção e promoção que venham ao encontro das necessidades da população adscrita.

Compreendemos a importância do trabalho em grupo como sendo um instrumento fundamental para a promoção e educação em saúde nas comunidades. A experiência do trabalho em grupo pode facilitar a produção coletiva de conhecimento e a reflexão acerca da realidade vivenciada pelos seus membros, valorizando a troca de conhecimento e os saberes técnicos e científicos, oportunizando, ainda, aos participantes, novas estratégias de enfrentamento dos desafios que, muitas vezes, fazem parte das suas situações de vida.

Nesse sentido, a qualidade de vida é uma preocupação constante do ser humano, portanto, para que isso ocorra deve-se priorizar na atividade grupal os valores de cada indivíduo, abrangendo suas condições biológicas, psicológicas e culturais. Além disso, deve instigar o interesse do usuário pelas ações que ampliam as possibilidades de controle das doenças, manutenção da saúde, de reabilitação e de tomadas de decisão individuais e coletivas.

As atividades grupais constituem-se em uma importante ferramenta para a construção crítica dos indivíduos quanto ao seu meio social, suas condições de vida e de saúde. Nessa perspectiva, é fundamental que o tema “grupo” seja abordado e discutido durante o planejamento das atividades nas ESFs, para que os profissionais se empoderem desta prática de forma eficaz e transformadora.

## Referências

- ACIOLI, S. A prática educativa como expressão do cuidado em Saúde Pública. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 61, n. 1, p. 117-21, jan./fev. 2008.
- BENEVIDES, D. S. et al. Saúde mental por meio de grupos terapêuticos em um hospital-dia: o ponto de vista dos profissionais de saúde. *Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 14, n. 32, p. 127-138, jan./mar. 2010.
- DIAS, V. P.; SILVEIRA, D. T.; WITT, R. R. Educação em saúde: o trabalho de grupos em atenção primária. *Revista de APS*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 221-227, abr./jun. 2009.

FARAH, A. B. A. Psicoterapia de grupo: reflexões sobre as mudanças no contato entre os membros do grupo durante o processo terapêutico. *Revista IGT na Rede*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 302-328, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRISON, G. D. et al. Percepções de sujeitos que participam de grupos de promoção à saúde. *Revista Contexto & Saúde*, Ijuí, v. 10, n. 20, p. 1.181-1.184, jan./jun. 2011.

MINICUCCI, A. *Técnicas do trabalho de grupo*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

OSÓRIO, L. C. *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma nova era*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, M. A. et al. Enfermeiro & grupos em PSF: possibilidade para participação social. *Revista Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 143-149, maio/ago. 2006.

SIMÕES, F. V.; STIPP, M. A. C. Grupos na Enfermagem: classificação, terminologias e formas de abordagem. *Revista Escola Anna Nery Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 139-144, abr. 2006.

SOUZA, A. C. et.al. A educação em saúde com grupos na comunidade: uma estratégia facilitadora na promoção da saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 147-153, ago. 2005.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

Recebido em: 14/1/2014

Aceito em: 17/10/2014